

Refletindo sobre a conscientização em um mundo apocalíptico

Adolfo Borges Filho*

Sumário

1. Introdução. A consciência e sua evolução. 2. Breve estudo sobre a *consciência* sob a ótica da neurociência. A classificação do professor António Damásio: *consciência central*, *consciência ampliada* e *além da consciência ampliada*. 3. *A consciência moral*. Atravessando a ponte da ciência para a filosofia. 4. Fundamentando nossa *catarse* com três categorias inafastáveis de *conscientização* no mundo de hoje: a social, a política e a jurídica. 5. Conclusão. Existe luz no final do túnel? Referências bibliográficas.

Resumo

O propósito principal deste artigo é apresentar, em resumo, os três tipos de consciência elencados pelo neurocientista António Damásio para chegarmos, finalmente, ao significado de *conscientização*, tão rara no mundo de hoje.

Abstract

The main purpose of this article is to present, in brief, the three types of conscience listed by the neuroscientist António Damásio in order to finally reach the meaning of consciousness, so rare in the today's world.

Palavras-chave: Consciência. Conscientização. António Damásio. Ética.

Keywords: *Conscience. Consciousness. António Damásio. Ethics.*

1. Introdução. A consciência e sua evolução

Ouso iniciar este artigo com a seguinte assertiva: o “bombardeio” de notícias ruins, das mais variadas espécies, a que somos submetidos, diariamente, pela mídia social nunca foi tão alarmante. Basta ligar o celular e, de repente, somos invadidos por narrativas de tragédias que, em épocas passadas, só tomaríamos conhecimento pelos noticiários de rádios e de emissoras de televisão e, até mesmo, pela leitura de jornal

* Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro inativo. Vice-Diretor da Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Professor de Direito da PUC-Rio.

impresso no dia seguinte aos acontecimentos. E a reação mental que me acomete é a de um ruído interno e altamente perturbador que reconheço, de pronto, como *voz da consciência*. E o pior é que muitas dessas notícias são falsas na sua integralidade ou, no mínimo, duvidosas, levando-nos a buscar novas informações que possam esclarecer, de uma maneira séria, o que acabamos de ler ou de ouvir.

A palavra *consciência*, por si só, não traduz esse *sentimento* de repugnância que nos perpassa o espírito e nos causa todo esse desconforto de alma. *Consciência* significa algo muito mais amplo que não se restringe ao ser humano, mas que toma forma em todas as espécies de criaturas que habitam o nosso planeta. Neste breve artigo, trataremos da *consciência* como fenômeno científico até chegarmos ao seu conceito filosófico como verdadeira “alma do homem”, no ensinamento de Sócrates. Na verdade, partiremos de uma expressão genérica, de cunho científico, para chegarmos a um conceito mais amplo e abrangente, acrescentando, ao final, um único adjetivo: *consciência moral*.

Já podemos perceber, de pronto, que a *consciência* evoluiu nos seres humanos, outorgando-lhes, assim, um poder fabuloso de crítica e, portanto, de responsabilidade na sua existência terrena. Ela não ficou reduzida a um papel insignificante de sobrevivência instintual, passando a reger uma orquestra de sentimentos positivos e negativos no interior de nossos cérebros. Daí o impacto que indivíduos verdadeiramente conscientes, no sentido mais evoluído do termo, sofrem com as mazelas sociais que se descortinam diariamente à sua frente, causando-lhes, muitas vezes, desespero e, pior ainda, desesperança na humanidade.

Nossa abordagem inicial do tema recairá sobre a *consciência*, sob a ótica de um neurocientista. Para tanto, apresentaremos, de maneira resumida, os níveis de consciência elencados pelo professor António Damásio, na sua preciosa obra “O Mistério da Consciência”. O eminente mestre aponta para três tipos de consciência: a *central*, a *ampliada* e a *além da ampliada*. E é justamente nesse último nível – *consciência além da ampliada* –, que desvelaremos a *consciência moral*, de onde poderá ou não brotar a semente da *conscientização*.

O filósofo e educador holandês Robert Happé, que ministrou seminários em vários países, entre eles o Brasil, escreveu um livro luminoso, cujo título é autoexplicativo: “Consciência é a resposta”. No excerto abaixo transcrito, observa-se que Happé coloca a consciência num patamar que transcende o corpo físico, ao batizá-la como *consciência da alma*.

A função principal da mente é refletir todas as informações que se fazem disponíveis para a consciência. Assim, quando ela opera como servidora da consciência da alma, torna-se uma valiosa ferramenta que nos abastece com informações que compreendem tempo e espaço, bem como a relação entre as várias experiências.

A mente não é, portanto, a consciência, mas sim o banco e o processador de dados das experiências desta vida presente, como um computador armazenando e organizando palavras e conceitos nele colocados. Poderíamos dizer que a mente é o *software*, o disquete, e o cérebro é o *hardware*, o computador propriamente dito; a consciência, por sua vez, é que direciona o computador, enviando e recebendo as mensagens. (Happé, 2016:36)

2. Breve estudo sobre a consciência sob a ótica da neurociência. A classificação do professor António Damásio: *consciência central, consciência ampliada e além da consciência ampliada*

Na área científica, percebemos que a *consciência* se apresenta em praticamente todas as espécies vivas, desde as mais rudimentares, como uma simples formiga, até as mais sofisticadas, como é o caso dos seres humanos. Ela é, com efeito, a relação mantida entre um ser vivo e um determinado objeto. Para não sermos repetitivos, trazemos à baila a precisa conceituação formulada pelo neurocientista António Damásio:

Como é que começamos a ser conscientes? Especificamente, como é que chegamos a ter um sentido do *self* no ato de conhecer? No início, lançamos mão de um primeiro truque. Esse truque consiste em construir um relato do que acontece no organismo quando ele interage com um objeto, quer esse objeto seja realmente percebido, quer ele seja evocado, esteja ele dentro das fronteiras do corpo (por exemplo, a dor) ou fora dessas fronteiras (por exemplo, uma paisagem). Esse relato é uma narrativa simples e sem palavras. Ele possui personagens (o organismo, o objeto). Desenvolve-se no tempo. E tem começo, meio e fim. O começo corresponde ao estado inicial do organismo. O meio é a chegada do objeto. O fim compõe-se de reações que resultam em um estado modificado do organismo. (Damásio, 2022:140)

Muito se fala em níveis de consciência no campo do misticismo. O trabalho de cada um de nós seria o de alcançar, através da leitura de livros sagrados, da entoação de cânticos, da prática de meditação e de outras atividades ditas espirituais, um nível de consciência mais elevado durante a existência terrena. Com isso, a passagem para um outro mundo, no momento da morte, seria algo semelhante ao término de um ritual, como se fizéssemos a travessia poética de um campo de luz.

Entretanto, voltando ao terreno da cientificidade, o segundo nível de consciência é a denominada “consciência ampliada”. Nesse degrau mais alto, o ser humano amplia a sua visão de mundo e, através da memória (que auxilia a consciência), consegue trazer até o momento presente fatos e sentimentos de todas as espécies, vivenciados

desde a mais tenra infância. E faz o mesmo com relação ao futuro, projetando feitos e imaginando realidades que podem se situar tão somente no imaginário. Como asseverado pelo professor Damásio:

A consciência ampliada é tudo o que a consciência central é, só que maior e melhor, e só faz crescer com a evolução e com as experiências que cada indivíduo tem ao longo da vida. Se a consciência central permite que você saiba, por um momento fugaz, que é você quem está vendo um pássaro voando ou quem está sentindo uma dor, a consciência ampliada situa essas mesmas experiências em um contexto mais amplo e em um intervalo de tempo mais longo. A consciência ampliada ainda gira em torno do mesmo “você” central, mas esse “você” agora está conectado ao passado vivido e ao futuro antevisto, partes de seu registro autobiográfico. (Damásio, 2022:161)

E, no *além da consciência ampliada*, nos deparamos com um “algo maior” que a própria ciência denomina *consciência moral*. De acordo com Damásio:

O encadeamento de precedências é muito curioso: a sinalização neural inconsciente de um organismo individual gera o *proto-self* que possibilita o *self central* e a *consciência central*, que por sua vez possibilitam o *self autobiográfico*, o qual possibilita a *consciência ampliada*. No final dessa cadeia, a consciência ampliada possibilita a *consciência moral*. (Damásio, 2022:188)

3. A *consciência moral*. Atravessando a ponte da ciência para a filosofia

Fica claro que a ausência de consciência, nos dois primeiros estágios acima examinados, impede o ser humano de evoluir para esse patamar mais elevado que a Filosofia também denomina de *consciência moral*. O que se vê, em qualquer sociedade organizada, é a existência de regras de conduta que disciplinam os mais diversos setores da atividade humana, tornando-se, naturalmente, o principal foco da educação, no sentido mais amplo do termo. Não pretendemos adentrar a discussão de regras morais imperativas, elaborando um panorama geral de teorias pertencentes à Ética. Se fosse o caso, começaríamos pela própria *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e conduziríamos nossa digressão até, por exemplo, os *imperativos categóricos* de Kant. O filósofo espanhol Adolfo Sánchez Vázquez apresenta uma precisa definição de “consciência moral”, no seu livro “Ética”:

A consciência moral somente pode existir sobre a base da consciência no primeiro sentido e como uma forma específica desta. Por isto, também acarreta uma compreensão de nossos atos, mas sob um ângulo específico, moral; mas, ao mesmo tempo, implica uma avaliação e um julgamento de nosso comportamento de acordo com as normas que ela conhece e reconhece como obrigatórias. (Vázquez, 2003:185)

O objetivo deste breve estudo é ir além da própria *consciência moral*, partindo-se de um posicionamento negativo, que seria a *falta de conscientização* imperante no mundo apocalíptico que habitamos. Parece-nos que o termo *conscientização* é mais forte, provocando uma ressonância maior para os que sentem na própria pele, ou olhando para o semelhante, a frieza e o descaso que assumiram lugar de destaque no nosso planeta. Ouso dizer que a *conscientização* seria a consciência no seu patamar mais elevado, revestindo-se de uma sacralidade que, sem qualquer tendência religiosa, poderia chamar-se de *consciência espiritual*.

Consoante assinalado pelo psiquiatra americano M. Scott Peck, no seu famoso livro *"The road less traveled"* (A estrada menos percorrida), *"An essential part of discipline is the development of an awareness of our responsibility and power of choice. The capacity of awareness we assign to that portion of the mind we call conscious or consciousness. We are now at the point where we can define spiritual growth as the growth of evolution of consciousness"*. (Peck, 2003:280)¹

Entendo que essa *consciência espiritual* se constrói ao longo de nossa viagem terrena e dependerá muito da nossa capacidade, e de nossa vontade, no sentido de introjetar, através de um sentimento autêntico, não somente as coisas boas que a vida nos apresenta, como também, as mazelas de seres humanos com quem nos deparamos, seja em ruas por onde passamos, seja em função de atividades que exercemos e nas quais os contatos pessoais se tornam inevitáveis. Essa conscientização sincera, movida por sentimento verdadeiro, se constitui, indubitavelmente, em um "crescimento espiritual" como bem assinalado por Scott Peck.

4. Fundamentando nossa *catarse* com três categorias inafastáveis de conscientização no mundo de hoje: a social, a política e a jurídica

Quando paramos para refletir sobre o panorama social que o mundo de hoje nos oferece, a primeira imagem que me vem à mente é o que a tradição nos ensina sobre a vida de Buda. Em apertada síntese histórica, Siddharta Gautama vivia num rico palácio, cercado de luxo e de prazeres mundanos. Num determinado momento de sua existência, tomou a decisão de conhecer o que havia do lado de fora daquela

¹ "Uma parte essencial de disciplina é o desenvolvimento da consciência de nossa responsabilidade e de nosso poder de escolha. A capacidade de consciência que atribuímos àquela porção da mente que chamamos de consciência ou conscientização. Agora estamos no ponto em que podemos definir crescimento espiritual como crescimento de evolução da conscientização."

construção suntuosa. E acabou adentrando o umbral, onde a miséria humana podia ser constatada a olho nu, fazendo-lhe doer a alma. Deixando toda a riqueza de lado, buscou a simplicidade absoluta como meio de vida, até chegar à iluminação. Cristo também nos deu exemplo ainda mais marcante ao desdenhar das coisas terrenas para dedicar, três preciosos anos de sua vida, ao semelhante. E Francisco de Assis seguiu os seus passos, reiterando, em plena Idade Média, a trajetória do Mestre. Fato é que, apesar de tantos exemplos edificantes, a humanidade, nos dias de hoje, presta homenagens à “inteligência artificial” que, apesar de seus dotes meritórios, porta, também, na sua engrenagem, uma malignidade que corrompe almas, impedindo que uma grande multidão de humanos conheça o próprio *self*. A imagem de Cristo, por exemplo, virou produto de comercialização, dando lucros estupendos a falsas igrejas que se destinam, basicamente, ao enriquecimento de seus fundadores e à lavagem cerebral de fanáticos seguidores.

Nos países menos desenvolvidos, a política se aproveita da miséria reinante para colocar, nos seus postos de comando, falsos líderes; e, para “brincar de democracia”, criam-se eleições “livres”, escolhendo-se legisladores que, sem vocação ou preparo intelectual para o cargo, pensam tão somente no enriquecimento próprio e familiar. Claro que as exceções existem; mas ainda não se chegou a um momento histórico em que se possa dizer que a representação política seja realmente exercida por cidadãos *conscientes*, no sentido mais elevado do termo.

No âmbito jurídico, o acesso à Justiça se torna cada vez mais estreito porque, nos países menos desenvolvidos, empoderam-se autoridades com o luxo de gabinetes e outras mordomias concedidas, injustamente, com o desvio de dinheiro público. Aliás, a terceirização do trabalho jurídico é fenômeno natural nessa classe de privilegiados. Existe, também, uma clara divisão entre os processos dos endinheirados e aqueles que tratam de assuntos relacionados aos pobres. E pensar que ainda assistimos, à distância e a cores, cenas de guerras que dizimam ou inutilizam milhares de vidas humanas! No que resultam as recomendações e as decisões emanadas das organizações e das cortes internacionais?

Em suma: a falta de *conscientização* avança de forma assustadora, impulsionada sobremaneira pelos instrumentos de alienação, que são ainda mais velozes porque contam, na sua maior parte, com a assustadora “inteligência artificial”. E ainda se pode acrescentar o esporte e a própria religião como grandes colaboradores para a transformação de pessoas em objetos descartáveis.

5. Conclusão. Existe luz no final do túnel?

Em números anteriores de nossa Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, abordamos a “Ética da Alteridade”, construída pelo grande filósofo Levinas. O “outro” (ou o “próximo”) figura como personagem central de nossa atenção e cuidado no âmbito sagrado dessa Ética. Fato é que compete a cada pessoa, *consciente* dessa *responsabilidade*, atuar em prol de um mundo melhor, independentemente

de crença ou de fidelidade política. Cada um de nós carrega dentro de si, como luz oscilante e fugidia de um vaga-lume, o dever moral de buscar a *metanoia* e de realizar o rito de passagem que poderá contribuir, mesmo que em pequena escala, para que a humanidade possa enxergar a luz no final do túnel. Trazemos à colação trecho do livro “A presença ignorada de Deus” do grande psicólogo e filósofo Viktor E. Frankl:

É justamente tarefa da consciência revelar ao ser humano “aquele único necessário”, o que é sempre algo exclusivo. Trata-se daquela possibilidade única e exclusiva de uma pessoa concreta numa situação concreta, possibilidade à qual Max Scheler quis se referir com o conceito de “valores de situação”. Refere-se, portanto, a algo absolutamente individual, a um “deveria ser” individual, que não pode ser abarcado por nenhuma lei geral, por nenhuma “lei moral” formulada em termos universais (por exemplo, no sentido do imperativo kantiano), mas prescrito precisamente por uma “lei individual” (Georg Simmel). Não pode nunca ser conhecido racionalmente, mas compreendido apenas intuitivamente. E essa função intuitiva é realizada pela consciência moral. (Frankl, 2022:31)

Referências bibliográficas

DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência*. 2ª ed. São Paulo: Editora Schwarcz S. A. Trad. Laura Teixeira Motta, 2022.

FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. 24ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. Trad. Walter O. Schlupp e Helga Reinhold, 2022.

HAPPÉ, Robert. *Consciência é a resposta*. 13ª ed. São Paulo: Editora Pillares. Trad. Ruth Toledo, Frances Rose Feder e Ceres Alves Prates, 2016.

PECK, M. Scott. *The road less travelled*. 25th Anniversary Ed. New York: Touchstone, 2002.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Trad. João Dell' Anna, 2003.